



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

RELATÓRIO JK

Em nome da História do Brasil, da Verdade e com base em 103 indícios, evidências, provas, testemunhos, circunstâncias, contradições, controvérsias e questionamentos, todos abaixo relacionados, a Comissão Municipal da Verdade Vladimir Herzog, em atividade na Câmara Municipal de São Paulo, **DECLARA** o assassinato de Juscelino Kubitschek de Oliveira, vítima de conspiração, complô e atentado político na Rodovia Presidente Dutra, em 22 de agosto de 1976, e, conseqüentemente, considera nula a *causa mortis* oficial, forjada no período da ditadura militar, segundo a qual o ex-Presidente da República perdeu a vida em consequência de acidente de trânsito, durante viagem de São Paulo para o Rio de Janeiro.

1- Juscelino Kubitschek e seu motorista, Geraldo Ribeiro, morreram cerca de três minutos após deixarem o Hotel-Fazenda Villa-Forte, de propriedade do brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte, um dos criadores do SNI (Serviço Nacional de Informações). O hotel-fazenda fica situado no distrito de Engenheiro Passos, em Resende (RJ).

2- O Opala em que estava Juscelino Kubitschek, placa do Rio de Janeiro NW 9326, sob o comando do experiente motorista Geraldo Ribeiro, responsável por conduzir JK durante 36 anos, saiu do Hotel-Fazenda Villa-Forte rumo à cidade do Rio de Janeiro um pouco antes das 18 horas, ainda com a luz do dia. Era domingo, 22 de agosto de 1976. Em aproximadamente três minutos, o veículo percorreu os cerca de 500 metros até a Rodovia Presidente Dutra, entrou na estrada no km 168 (atual km 331), venceu três curvas acentuadas, mas, logo após ultrapassar a quarta curva, na marca do km 165 (atual km 328), passou descontrolado para a pista oposta e colidiu contra o caminhão carreta Scania-Vabis, placa de Santa Catarina ZR 0398, dirigido pelo motorista Ladislau Borges, que trafegava no sentido Rio de Janeiro-São Paulo.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

3- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 1º de outubro de 2013, Josias Nunes de Oliveira, ex-motorista da Viação Cometa, declarou ter visto à sua frente, na Rodovia Presidente Dutra, o Opala cor marfim, com capa de vinil preta. O automóvel acabava de entrar na Dutra, na altura do distrito de Engenheiro Passos, em Resende (RJ), no km 168 (atual km 331), no local de acesso à estrada que leva às estâncias hidrominerais, em Minas Gerais, e que também servia de entrada para o caminho ao Hotel-Fazenda Villa-Forte. Eram quase 18 horas de domingo, dia 22 de agosto de 1976. Oliveira relatou ter ultrapassado pela esquerda o Opala, que estava corretamente posicionado na pista da direita da Dutra, por desenvolver velocidade pouco inferior à do ônibus. Conforme o depoimento de Oliveira, ambos os veículos estavam em posições e velocidades compatíveis com o limite de 80 km/h, permitido na época na Rodovia Presidente Dutra. De repente, de forma inesperada, o Opala em que estava Juscelino Kubitschek surgiu pela direita do ônibus da Viação Cometa, ultrapassando-o pela direita, em velocidade excessiva e em manobra arriscada. Nas palavras de Oliveira, "me ultrapassou pela direita e não fez a curva". O Opala, que se mostrava descontrolado e desgovernado, não completou a curva à direita do km 165 (atual km 328). Seguiu direto, em velocidade, para a pista oposta, a Rio de Janeiro-São Paulo, onde houve a colisão. Oliveira qualificou a curva do km 165 como "curva leve", que não apresentaria dificuldade para um motorista experiente. "A curva era para a direita e ele saiu para a esquerda", relatou o ex-motorista do ônibus da Viação Cometa.

4- Em relatos a esta Comissão Municipal da Verdade, em 21 e 22 de novembro de 2013, e em 29 de novembro de 2013, em Joinville (SC), o motorista aposentado Ademar Jahn descreveu o momento em que viu o Opala cor marfim, com capa de vinil preta, invadir na contramão a pista Rio de Janeiro-São Paulo da Rodovia Presidente Dutra. Jahn conduzia um caminhão carreta Scania Vabis, placa de Santa Catarina TN 0899, semelhante ao veículo de seu amigo Ladislau Borges, que estava imediatamente à sua frente na estrada. Jahn teve tempo de testemunhar, no intervalo de aproximadamente dois segundos que precedeu a colisão, algo que marcou sua vida para sempre. Naqueles instantes que



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

antecederam a batida, ele afirmou ter visto o motorista do Opala debruçado, com a cabeça caída entre o volante e a porta do automóvel, não restando dúvida, de acordo com Jahn, de que o condutor se encontrava desacordado e inconsciente, e já não controlava o veículo, antes do impacto contra o caminhão de Ladislau Borges.

5- Em depoimento à Comissão Municipal da Verdade, em 10 de outubro de 2013, em Aracaju (SE), o jornalista Wanderley Midei relatou ter recebido informação na redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, logo após o "acidente" que vitimou Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro, indicando que, conforme um policial rodoviário federal presente à cena da morte de JK e Ribeiro, o motorista do ex-presidente da República tinha um buraco na cabeça, característico de penetração de projétil de arma de fogo.

6- Em depoimento à Comissão Municipal da Verdade, em 13 de novembro de 2013, o perito criminal Alberto Carlos de Minas relatou ter sido impedido de fotografar o crânio de Geraldo Ribeiro por policiais e agentes de estado que estavam no Cemitério da Saudade, em Belo Horizonte, em 14 de agosto de 1996, durante os trabalhos de exumação da ossada do motorista de Juscelino Kubitschek. Alberto Carlos de Minas afirmou ter visto um furo no crânio de Ribeiro, com características de buraco provocado por projétil de arma de fogo. Em seu depoimento, o perito criminal, com larga experiência, disse ter ficado surpreso quando, semanas depois da exumação dos restos mortais de Ribeiro, recebeu a informação, conforme ele inverídica, de que o crânio de Ribeiro já estaria esfarelado no momento da exumação, o que impediria qualquer constatação de furo provocado por tiro.

7- Alberto Carlos de Minas relatou a esta Comissão Municipal da Verdade ter sofrido ameaças para não vincular o "acidente automobilístico" a um atentado político.

8- O jornalista Valério Meinel, que investigou com o repórter Wanderley Midei a morte de Juscelino Kubitschek para o jornal *O Estado de S. Paulo*, concluiu que um automóvel Caravan emparelhou com o Opala



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

conduzido por Geraldo Ribeiro na Rodovia Presidente Dutra, e, desse veículo, foi disparado um tiro contra a cabeça do motorista de JK.

9- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, Serafim Jardim, ex-secretário de Juscelino Kubitschek, afirmou que os telefones de pessoas ligadas a JK estavam grampeados em 1976 e, por isso, agentes do governo militar, que vigiavam o ex-presidente, não teriam dificuldade para saber com antecedência sobre a viagem de JK pela Rodovia Presidente Dutra, em 22 de agosto de 1976. Da mesma forma, acrescentou Jardim, agentes ligados ao regime militar saberiam do encontro do ex-presidente com Geraldo Ribeiro, no começo daquela tarde, para o início da viagem ao Rio de Janeiro, no então km 2 da Dutra, no município de São Paulo.

10- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, o advogado Paulo Castelo Branco relatou que a viúva de Juscelino Kubitschek, Dona Sarah Kubitschek, e a filha do ex-presidente, Márcia Kubitschek, receberam informações e suspeitavam de um automóvel Caravan que teria emparelhado com o Opala conduzido por Geraldo Ribeiro e, desse automóvel, teria ocorrido o disparo contra a cabeça do motorista de JK.

11- No trecho de três quilômetros da Rodovia Presidente Dutra, percorrido em aproximadamente dois minutos pelo Opala sob comando de Geraldo Ribeiro, do km 168 (atual km 331) ao km 165 (atual km 328), existem, nos últimos mil metros, quatro curvas acentuadas, sendo que a última, em leve aclive, a menos perigosa, foi justamente onde ocorreu o "acidente" que tirou a vida de Juscelino Kubitschek e de seu motorista. O trecho foi inspecionado pela Comissão Municipal da Verdade. É importante destacar que, de acordo com os depoimentos de Josias Nunes de Oliveira, motorista do ônibus da Viação Cometa, e do advogado Paulo Oliver, passageiro do coletivo, ambos concedidos a esta Comissão Municipal da Verdade, além de outros depoimentos tomados à época e que constam do processo oficial sobre a morte de JK, o Opala em que viajava o ex-presidente, em manobra arriscada, ultrapassou o ônibus do motorista Oliveira pela direita, na curva, o que dificilmente um profissional



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

experiente como Ribeiro faria, a não ser em situação de extrema emergência. Frisa-se, ainda, que o automóvel de Ribeiro, em descontrole, de acordo com o relato de testemunhas, seguiu em linha reta, sem completar a curva à direita, projetando-se para a pista em sentido contrário da Rodovia Presidente Dutra, como se estivesse sem comando.

12- Em relato a esta Comissão Municipal da Verdade, em 15 de janeiro de 2014, o jornalista Ivan Machado, de Palmeira dos Índios (AL), declarou que, como repórter da revista "Manchete", em 22 de agosto de 1976, foi designado para fazer a cobertura do "acidente" da morte de Juscelino Kubitschek na Rodovia Presidente Dutra, ocasião em que estranhou a movimentação de policiais rodoviários federais, por volta das 22 horas. De acordo com o relato, os policiais alteravam, com a ajuda de caminhões guincho, as posições em que se encontravam o Opala que conduzia JK e o caminhão carreta contra o qual o veículo se chocara, antes dos trabalhos de perícia técnica. Jornalista, advogado e ex-promotor de justiça, Ivan Machado afirmou não ter dúvida de que a mudança de local dos veículos prejudicou a perícia técnica do "acidente". Machado informou que tanto o Opala de JK quanto a carreta já estavam fora da pista da Rodovia Presidente Dutra, sem atrapalhar a circulação de veículos na estrada, e, portanto, não havia razão que justificasse alterar a oposição original do carro e da carreta. Inconformado, Machado perguntou a policial rodoviário federal por que não se esperaria a perícia técnica concluir os exames necessários antes de se mexer nos veículos sinistrados, mas só obteve resposta depois de insistir. Conforme seu relato, o policial solicitou que sua identidade não fosse revelada pelo repórter, mas recebera ordens superiores para modificar a cena do "acidente".

13- Em 19 de outubro de 1986, o *Jornal do Brasil* publicou entrevista com Dona Sarah Kubitschek, na qual a viúva de Juscelino afirmou não acreditar na versão do acidente automobilístico. "Precisaram matar, espezinhar, liquidar com Juscelino, porque não conseguiram liquidar com sua força, sua dignidade, sua coragem, seu carisma de grande líder", declarou Dona Sarah Kubitschek.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

14- Em depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados que examinou o "Caso Juscelino Kubitschek", em 2000, a jornalista Tânia Fusco relatou ter recebido duas ameaças telefônicas em 1987, após ter escrito reportagens sobre a morte de JK.

15- Em 23 de agosto de 1976, Ladislau Borges, motorista do caminhão contra o qual o Opala que levava Juscelino Kubitschek se chocou na Rodovia Presidente Dutra, depôs ao delegado Waldir Guilherme, na Delegacia de Resende (RJ). Borges relatou, a respeito do "acidente" ocorrido na véspera, que, "em determinado momento, se acercaram dele três cidadãos de cor branca, magros, um dos quais trajando paletó claro e aparentando 26 anos de idade, de aproximadamente um metro e 72 centímetros de altura, e outros dois, também de cor branca, aparentando menos idade e de altura inferiores entre si, trajando roupas escuras. Que o primeiro deles disse ao declarante (Ladislau Borges) que os três eram passageiros do ônibus que bateu no Opala e dizendo textualmente que você não precisa ficar nervoso porque eu sou passageiro do ônibus que bateu no Opala, o motorista queria ir embora, mas nós não vamos sair daqui enquanto a perícia não chegar".

16- Com base no testemunho de Ladislau Borges, o delegado Waldir Guilherme determinou sigilo nas investigações, mas jamais foi apurado quem eram os três homens. Como ficou registrado, todos os 33 passageiros do ônibus nº 3.148 da Viação Cometa seguiram para o Rio de Janeiro após o "acidente", sendo que todos os nove chamados para depor testemunharam não ter havido choque entre o Opala que levava Juscelino Kubitschek e o ônibus dirigido por Josias Nunes de Oliveira.

17- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 1º de outubro de 2013, Josias Nunes de Oliveira relatou ter sido procurado por dois homens em sua casa, situada no bairro do Ferreira, na periferia de São Paulo, alguns dias após o "acidente". Os dois cabeludos apresentaram-se como repórteres e ofereceram uma mala cheia de dinheiro ao motorista da Viação Cometa, caso Oliveira assumisse ter provocado o "acidente" que matara Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro. Oliveira não aceitou a oferta de suborno. Nas palavras do ex-



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

motorista da Viação Cometa a esta Comissão Municipal da Verdade: "Se eu falasse que era o culpado do acidente, aquele dinheiro seria todo meu. Eu falei: não, não tenho culpa de nada".

18- No Laudo de Exame em Local de Acidente, elaborado pelo perito Haroldo Ferraz, em 22 de agosto de 1976, foram anexadas sete fotografias dos veículos envolvidos no "acidente". As de nºs 3 e 5 mostram a lateral esquerda e a parte traseira do Opala em que estava Juscelino Kubitschek, e revelam que estavam intactas tanto a lanterna esquerda quanto a lataria do veículo em volta da mesma lanterna esquerda. Chama-se a atenção para o fato de que o automóvel que conduzia JK ficou sob guarda e controle das autoridades, inclusive soldados e oficiais da Academia Militar de Agulhas Negras, e foi periciado no local do desastre. No dia seguinte, em 23 de agosto de 1976, Haroldo Ferraz foi substituído pelo perito Sérgio de Souza Leite e um novo Laudo de Exame em Local de Acidente foi registrado pelo Instituto Carlos Éboli, da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Desta vez, 124 fotografias foram anexadas ao novo laudo. Destaca-se a de nº 64, em que é exibida a traseira do Opala, que já havia sido transportado para depósito da Delegacia de Polícia de Resende (RJ). A fotografia de nº 64 registra a lanterna esquerda quebrada e a lataria amassada, em volta da mesma lanterna esquerda. Na legenda da fotografia lê-se "aspecto do ângulo traseiro esquerdo do veículo, com o enrugamento do paralamas e a quebra da lanterna traseira". Não há dúvidas de que o mesmo setor traseiro do automóvel foi alterado de um dia para o outro. A fotografia de nº 64 serviu para corroborar a tese das autoridades na época, segundo a qual o ônibus da Viação Cometa, sob comando do motorista Josias Nunes de Oliveira, havia abalroado o Opala dirigido por Geraldo Ribeiro, exatamente no setor que, neste segundo laudo, se mostrava danificado. Para esta Comissão Municipal da Verdade, a perícia oficial foi deliberadamente fraudada com o intuito de apontar um responsável pelo "acidente".

19- No laudo de 22 de agosto de 1976 sobre o "acidente" na Rodovia Presidente Dutra, o perito criminal Haroldo Ferraz registrou que as fotografias dos cadáveres deixaram de ser anexadas ao laudo,



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

“acolhendo à recomendação de ordem superior”, e informou que os negativos das imagens ficariam sob a responsabilidade da diretoria do Instituto Carlos Éboli, no Rio de Janeiro.

20- Após a substituição do perito Haroldo Ferraz por Sérgio de Souza Leite, as fotografias dos cadáveres de JK e de Ribeiro jamais foram divulgadas. Desapareceram da Polícia Civil do Rio de Janeiro.

21- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, o advogado Paulo Castelo Branco, responsável pelo acompanhamento da reabertura do Caso JK em 1996, criticou o promotor Francisco Gil Castelo Branco, diretor do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, por ter determinado a retirada das fotografias dos cadáveres de Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro do processo sobre o “acidente” na Rodovia Presidente Dutra, supostamente para preservar a imagem do ex-presidente. De acordo com o advogado, “juridicamente não existe isso de preservar a imagem de ninguém se as fotografias poderiam servir para identificação de algo que pudesse ter acontecido com o presidente ou seu motorista”.

22- No laudo de 22 de agosto de 1976, relatado por Haroldo Ferraz, consta que os dois cadáveres possuíam “inúmeros ferimentos produzidos por ação contundente”, mas que, em razão do “tumulto no local”, a descrição dos corpos e a causa das mortes ficaram para consideração de médicos legistas, por ocasião dos exames de necropsia. O laudo de Haroldo Ferraz também apontou que a pista da Rodovia Presidente Dutra estava seca e “sem deformidades ou obstáculos fixos que pudessem ter concorrido para o desenrolar do acidente”.

23- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, o advogado Paulo Castelo Branco voltou a criticar o promotor Francisco Gil Castelo Branco, diretor do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, por ter determinado a troca de peritos criminais que analisaram o “acidente” que tirou a vida de Juscelino Kubitschek e do motorista Geraldo Ribeiro. Conforme o advogado, “foi feita uma perícia



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

na hora e, depois, feita outra perícia, algo absurdo num procedimento como o de acidentes".

24- No laudo de 23 de agosto de 1976, o perito relator Sérgio de Souza Leite afirmou que, feita a análise de tintas, "se produziu prova técnica, segura, definitiva e incontestável", de que o ônibus da Viação Cometa, nº 3.148, placa de São Paulo HX 2630, "se identifica como sendo aquele que, envolvido no acidente de tráfego sob exame, com participação efetiva e direta no desenvolvimento do mesmo, se evadira do local".

25- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 1º de outubro de 2013, Josias Nunes de Oliveira afirmou que os veículos da Viação Cometa que percorriam linhas para o Rio de Janeiro, Jundiaí (SP), Itapetininga (SP), São José do Rio Preto (SP) e Juiz de Fora (MG) tinham a mesma cor de tinta no para-choque, semelhante em certa medida à do Opala de Geraldo Ribeiro, que era proveniente de manilhas existentes na rodoviária Júlio Prestes, no centro de São Paulo, onde os veículos raspavam ao realizar manobras de acesso ao local.

26- Após parar no acostamento a fim de prestar socorro aos ocupantes do Opala, o motorista Josias Nunes de Oliveira seguiu viagem, sendo que em seguida fez nova parada, em posto da Polícia Rodoviária Federal, com a finalidade de informar o ocorrido. Nenhum dos 33 passageiros a bordo prestou queixa às autoridades policiais ou mencionou ter havido um choque entre o ônibus da Viação Cometa e o Opala acidentado.

27- Em 12 de maio de 1977, o policial rodoviário federal Sidney Ramos Pimentel depôs no Fórum de Resende (RJ). afirmou que, no início da noite de 22 de agosto de 1976, o motorista Josias Nunes de Oliveira, conduzindo ônibus da Viação Cometa com destino ao Rio de Janeiro, parou em posto da Polícia Rodoviária Federal, com o objetivo de comunicar a ocorrência do acidente que testemunhara. Conforme o depoimento de Pimentel, o policial não notou nada de anormal com o motorista ou com o ônibus da Viação Cometa. Em seu relato, Pimentel também informou não ter recebido queixa dos passageiros do ônibus contra Oliveira ou a informação de que teria havido uma colisão entre o coletivo e o



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

automóvel Opala. Dessa forma, ficou claro que não houve a referida evasão.

28- Mesmo após ter parado no acostamento para prestar socorro às vítimas do "acidente" no km 165 (atual km 328) da Rodovia Presidente Dutra e de ter comunicado a ocorrência ao agente Sidney Ramos Pimentel, no primeiro posto da Polícia Rodoviária Federal, o motorista Josias Nunes de Oliveira foi acusado, em laudo da perícia técnica, de ter batido o ônibus da Viação Cometa no Opala em que estava Juscelino Kubitschek, e de ter se evadido do local.

29- Os passageiros Célio Benedito Beltrami e Paulo Oliver, que estavam no ônibus da Viação Cometa, prestaram depoimentos e confirmaram que o Opala em que estava Juscelino Kubitschek, aparentemente desgovernado, ultrapassou pela direita o ônibus da Viação Cometa conduzido por Josias Nunes de Oliveira, não completou a curva do km 165 e, sem haver choque com o coletivo, invadiu a pista em sentido contrário e colidiu com o caminhão de Ladislau Borges. Beltrami, que era médico, Oliver e o motorista Oliveira tentaram prestar socorro, mas quando alcançaram o outro lado da Rodovia Presidente Dutra, Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro estavam mortos.

30- O médico da Marinha Célio Benedito Beltrami foi o primeiro passageiro do ônibus da Viação Cometa a tentar socorrer Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro, logo após a colisão na Rodovia Presidente Dutra. Ele jamais foi procurado pelas autoridades para falar sobre o caso. Em 1997, ao prestar depoimento à revista *Caros Amigos*, afirmou ter ouvido o barulho de freada, vindo do Opala, quando o veículo que conduzia JK estava à direita do ônibus. "Foi como se o freio tivesse falhado, ou tivesse acontecido um problema na roda esquerda". Beltrami acrescentou: "Parece que travou a roda do lado esquerdo". Como os demais nove passageiros ouvidos, o médico também testemunhou não ter havido choque entre o ônibus dirigido por Josias Nunes de Oliveira e o Opala de Ribeiro.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

31- Os nove passageiros do ônibus da Viação Cometa que estava sob o comando do motorista Josias Nunes de Oliveira, ouvidos no processo em que Oliveira foi julgado sob a acusação de abalroar o Opala que conduzia Juscelino Kubitschek, são os seguintes: José Taboada Carballo, Cid Vianna Montebelo, Guilherme Jorge Habib, Carlos Benevenuto Guisard Koehler, José Maria de Souza, Angela Maluf Homsí, Paulo Oliver, Nazile José Maluf e Danilo Martins de Lima. Todos testemunharam, unanimemente, não ter havido choque entre o ônibus e o Opala.

32- O Certificado de Análise nº 24.543, da empresa Termomecânica São Paulo S.A., de 6 de setembro de 1976, apontou contaminações de tinta do para-choque do ônibus conduzido por Josias Nunes de Oliveira na camada superficial de tinta cor de ouro do Opala de Geraldo Ribeiro. O laudo, entretanto, não possui assinatura do analista chefe, o que é considerado uma falha grave. É assinado apenas, supostamente, pelo engenheiro responsável, mas cujo nome não é identificado.

33- O motorista Josias Nunes de Oliveira foi acusado e julgado por conduzir o ônibus da Viação Cometa em velocidade, acima do limite máximo permitido, incompatível com o local do "acidente", e por ter provocado "uma colisão tangencial do setor dianteiro do ônibus com o Opala". Na sentença em que absolveu Oliveira, em 18 de agosto de 1977, o juiz Gilson Vitral Vitorino abordou o exame de tintas usadas na pintura dos veículos sinistrados, e considerou uma questão "deveras importante": "Ainda que se admitisse a positividade do laudo, cumpre salientar que os certificados de fls. 129/130 não se encontram assinados pelos respectivos analistas, desconhecendo-se, destarte, o autor do exame – apenas o engenheiro responsável".

34- O motorista Josias Nunes de Oliveira foi julgado pela segunda vez, no 2º Tribunal de Alçada do Rio de Janeiro. Em 10 de agosto de 1978, o juiz Lizardo de Lima negou provimento à apelação. Oliveira foi uma vez mais absolvido.

35- Em 23 de junho de 1977, o advogado Paulo Oliver, passageiro do ônibus da Viação Cometa cujo motorista, Josias Nunes de Oliveira, foi



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

acusado de abalroar o automóvel Opala em que estava Juscelino Kubitschek, depôs à 2ª Vara Criminal de São Paulo. Além de negar o choque entre o ônibus e o carro, como todos os outros passageiros, o depoimento de Oliver, repleto de detalhes, chamou a atenção ao descrever a trajetória desgovernada do Opala, em "zigue-zague", da pista da direita para a esquerda, na frente do ônibus, que se encontrava à esquerda. Oliver relatou ter visto um "clarão" sobre o automóvel, antes que o veículo que conduzia JK, descontrolado, passasse para a pista contrária da Rodovia Presidente Dutra e colidisse contra o caminhão de Ladislau Borges.

36- Em depoimento prestado por ocasião dos 20 anos do "acidente" em que morreram Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro, o advogado Paulo Oliver, passageiro do ônibus da Viação Cometa que esteve na cena da morte do ex-presidente na Rodovia Presidente Dutra, afirmou: "O ônibus ia ultrapassar todos os veículos à direita, aproximou-se rapidamente do Opala, um rápido clarão se repete uma ou duas vezes, o veículo (Opala), pelo que se vê, tenta voltar à direita, não consegue, desgovernado, na curva, passa para outra pista e choca-se com uma carreta que vinha na Dutra, no sentido Rio-São Paulo".

37- Nos laudos do Auto de Exame Cadavérico, de 23 de agosto de 1976, os médicos legistas Ivan Nogueira Bastos e Hygino de Carvalho Hércules, do Instituto Médico Legal Afrânio Peixoto, do Rio de Janeiro, respondem com o termo "prejudicado" o quarto quesito sobre a perícia feita nos corpos de Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro, cujo questionamento é se as mortes foram produzidas "por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio insidioso ou cruel".

38- Conforme denunciou Serafim Jardim, ex-secretário de Juscelino Kubitschek, o diretor do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, Francisco Gil Castelo Branco, determinou a realização de radiografia no corpo de JK, mas não tomou a mesma providência em relação ao cadáver de Geraldo Ribeiro.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

39- Em relato a esta Comissão Municipal da Verdade, em 16 de janeiro de 2014, a dentista Heloísa Andrade, de Juiz de Fora (MG), declarou que, representando a família de Geraldo Ribeiro, observou o corpo do motorista de Juscelino Kubitschek em urna funerária, no Instituto Médico Legal, no Rio de Janeiro, na madrugada de 23 de agosto de 1976. Conforme o relato de Heloísa Andrade, o cadáver, que havia sido vestido e preparado para ser velado por funcionários do IML, tinha aparência normal, sem contusões ou ferimentos, a não ser por uma mancha roxa clara, do lado esquerdo da face de Geraldo Ribeiro, cuja marca cobria desde a sobrancelha até o maxilar do motorista de JK. Por decisão da família, a urna funerária foi lacrada para o velório e o enterro de Ribeiro.

40- Em 7 de agosto de 1976, exatos 15 dias antes da morte de Juscelino Kubitschek, alguns dos principais jornais do país receberam a informação de que o ex-presidente havia morrido em acidente de trânsito. No livro *JK – onde está a verdade?*, Serafim Jardim, ex-secretário de JK, classificou a notícia falsa como “teste psicossocial” para verificar como o país reagiria ao assassinato que, àquela altura, se supõe já estaria sendo planejado.

41- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony defendeu a tese de que havia sido montada uma “máquina para matar Juscelino Kubitschek na estrada”, o que deveria ter acontecido 15 dias antes do “acidente” na Rodovia Presidente Dutra que tirou a vida de JK, caso o ex-presidente da República tivesse deixado a fazenda em Luziânia (GO) naquela ocasião, o que não ocorreu.

42- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony disse estar certo de que, caso não houvesse o “acidente” do km 165 que matou Juscelino Kubitschek e o motorista Geraldo Ribeiro, o Opala que conduzia JK fatalmente se acidentaria quilômetros adiante, quando da descida da serra da Rodovia Presidente Dutra, repleta de curvas, na sequência do caminho para a cidade do Rio de Janeiro. Cony manifestou convicção de que JK foi seguido por agentes



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

da repressão desde o início da viagem, no km 2 da Dutra, ainda no município de São Paulo.

43- Em 25 de agosto de 1976, três dias após o “acidente” na Rodovia Presidente Dutra, estava marcada reunião de Juscelino Kubitschek com dois generais, supostamente emissários do general-presidente Ernesto Geisel, na fazenda de Luziânia (GO), propriedade de JK. O encontro deveria ser secreto e havia sido marcado por influência de emissário ligado ao SNI (Serviço Nacional de Informações), conforme relato do ex-deputado e primo de JK, Carlos Murilo Felício dos Santos.

44- No livro *Momentos Decisivos*, de Carlos Murilo Felício dos Santos, o autor levantou a hipótese de os responsáveis pelo complô que matou JK terem obtido a informação da viagem pela Rodovia Presidente Dutra e, alegando urgência da reunião com os emissários do general-presidente Ernesto Geisel, convenceram JK a antecipar a reunião do dia 25 de agosto, atraindo-o para uma cilada no Hotel-Fazenda Villa-Forte.

45- O automóvel Opala, modelo 1970, de cor marfim e capota de vinil preta, foi um presente de Juscelino Kubitschek a Geraldo Ribeiro, por ocasião do aniversário de 30 anos da amizade entre os dois. O veículo tinha baixa quilometragem e acabara de sair de revisão mecânica no Rio de Janeiro. Motorista experiente, Ribeiro, de 64 anos, morava no Rio e chegara a São Paulo na véspera da viagem, em 21 de agosto de 1976, para encontrar JK no dia seguinte no km 2 da Rodovia Presidente Dutra, no município de São Paulo. Cumpriu as instruções transmitidas por telefone pelo próprio ex-presidente. Nas palavras de Maria de Lourdes Ribeiro, filha do motorista, “papai era muito cuidadoso, só usava o Opala nos fins de semana, ou quando convocado por Juscelino”. JK e Ribeiro iniciaram a viagem por volta das 14 horas e percorreram em aproximadamente duas horas e meia os 234 quilômetros até o acesso ao Hotel-Fazenda Villa-Forte, em Resende (RJ), situado três quilômetros depois da divisa estadual São Paulo-Rio de Janeiro.

46- As autoridades responsáveis pelas investigações das mortes de Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro não levaram em conta a parada



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

do ex-presidente e de seu motorista no Hotel-Fazenda Villa-Forte. O fato não foi investigado em 1976 nem em 1996, quando o Caso JK foi reaberto.

47- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony declarou que agentes da ditadura militar fizeram "investigação paralela" sobre a morte de Juscelino Kubitschek para forjar que, antes do "acidente" na Rodovia Presidente Dutra, houve um encontro entre JK e a amante Lúcia Pedroso no Hotel-Fazenda Villa-Forte. A mentira procurou intimidar Dona Sarah Kubitschek e levá-la a optar pela conveniência de não aprofundar a investigação sobre as mortes do ex-presidente da República e seu motorista, Geraldo Ribeiro.

48- O brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte, proprietário do Hotel-Fazenda Villa-Forte, mantinha relações de proximidade com o general Golbery do Couto e Silva, um hóspede costumeiro do hotel-fazenda. Quando da morte de Juscelino Kubitschek, Couto e Silva era Ministro-Chefe da Casa Civil, o segundo cargo mais alto do Governo do Brasil. O mesmo Couto e Silva, ainda como tenente-coronel do Exército, em 1955, foi preso por participar de complô para impedir a posse de JK na Presidência da República.

49- O brigadeiro Newton Junqueira-Villa-Forte havia sido professor, na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro, de João Baptista Figueiredo, o mesmo que, em 1976, quando da morte de Juscelino Kubitschek, era o general chefe do SNI (Serviço Nacional de Informações).

50- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, Gabriel Junqueira Villa-Forte, filho do brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte, afirmou que não havia pessoas de fora do círculo do Hotel-Fazenda Villa-Forte para recepcionar Juscelino Kubitschek, na tarde de 22 de agosto de 1976. Segundo suas palavras, "o hotel inclusive estava vazio, não tinha um apartamento ocupado". No mesmo depoimento, no entanto, o filho do militar também relatou que não estava no local durante os aproximadamente 90 minutos em que JK permaneceu no hotel-fazenda.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

51- Gabriel Junqueira Villa-Forte disse a esta Comissão Municipal da Verdade que considerava afastada a possibilidade de sabotagem no Opala de Geraldo Ribeiro durante o período em que Juscelino Kubitschek esteve no Hotel-Fazenda Villa-Forte. Ao ser questionado sobre o local onde ficou estacionado o Opala enquanto JK e Geraldo Ribeiro permaneceram no hotel-fazenda, Gabriel Junqueira Villa-Forte respondeu que ficara "perto deles". O filho do brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte, que não estava no hotel-fazenda, assegurou que o Opala ficou "do lado deles (JK e Ribeiro), à distância de dois metros no máximo". Perguntado acerca do que fizeram o ex-presidente e Ribeiro no hotel-fazenda, o filho do militar afirmou que "parece que o motorista foi ao banheiro".

52- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony declarou que, como profissional de imprensa da revista Manchete, esteve nas dependências do Hotel-Fazenda Villa-Forte nos dias seguintes ao do "acidente" em que perderam a vida Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro, ocasião em que ouviu do guardador de veículos do estacionamento do estabelecimento que, no momento em que Geraldo Ribeiro pegou o volante do Opala para prosseguir viagem rumo ao Rio de Janeiro, após o período em que JK ficou no hotel-fazenda, estranhou as condições do veículo que ficara no estacionamento ao engatar marcha ré, o que o fez perguntar ao guardador se alguém havia mexido no carro. O guardador contou a Cony que disse a Geraldo Ribeiro não ter notado nada de errado com o Opala que conduzia JK.

53- Conforme o depoimento de Gabriel Junqueira Villa-Forte a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, o proprietário do Hotel-Fazenda Villa-Forte, brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte, conhecedor do Planalto Central, foi consultado por Juscelino Kubitschek sobre a localização de Brasília na época da construção da capital federal, mas não manteve outros contatos com JK, nas décadas de 1960 e 1970, até o ex-presidente, pela primeira e única vez, se dirigir ao Hotel-Fazenda Villa-Forte, na tarde de 22 de agosto de 1976. Mesmo assim, de acordo com o depoimento de Gabriel Junqueira Villa-Forte, seu pai, o



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte, anfitrião de JK, saiu do hotel-fazenda naquela tarde e deixou o ex-presidente lá, sozinho. JK, que era admirado pelo brigadeiro, segundo o filho do militar, teria ficado sem companhia no estabelecimento.

54- Apesar de ter concedido entrevista em 1997 informando que o brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte era "líder político muito atuante" e que "pegou muito comunista a tapa", Gabriel Junqueira Villa-Forte afirmou a esta Comissão Municipal da Verdade que seu pai, o brigadeiro proprietário do Hotel-Fazenda Villa-Forte, anfitrião de Juscelino Kubitschek naquela tarde de 22 de agosto de 1976, teve de sair do hotel-fazenda, em sua perua Kombi, deixando o ilustre convidado no local. O que teria levado o brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte a se deslocar do hotel-fazenda?

55- O repórter Ricardo Alberto de Oliveira Bruno, da *Rádio Agulhas Negras*, chegou ao local do "acidente", em 22 de agosto de 1976, por volta das 20 horas, ou seja, duas horas após as mortes de Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro. Foi impedido de se aproximar do veículo acidentado por barreira de soldados da Academia Militar de Agulhas Negras que guardavam os corpos das vítimas e os destroços do automóvel. Mais tarde, na mesma noite, o jornalista se deslocou até o Cemitério Alto dos Passos, em Resende (RJ), onde, da mesma forma, não conseguiu chegar perto dos cadáveres do ex-presidente e de seu motorista, que permaneceram protegidos por soldados do Exército até ser transportados para o Rio de Janeiro.

56- Em suas investigações, o jornalista Valério Meinel obteve informações de Armindo Soares, funcionário do Cemitério Alto dos Passos, em Resende (RJ), para onde os corpos de Juscelino Kubitschek e do motorista Geraldo Ribeiro foram levados após o "acidente", e de um homem conhecido como Baleia, que era dono de casa funerária na cidade e foi responsável por transportar os corpos de JK e de Ribeiro. Soares relatou ao jornalista que, antes de ser obrigado por militares a deixar o local, observou o corpo do ex-presidente da República enrolado em lençol, largado no chão da sala que servia para examinar os corpos,



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

no fundo da capela do cemitério, enquanto o corpo de Ribeiro já havia sido fechado num caixão, ao qual não se tinha acesso, e levado à capela do cemitério.

57- O atual vice-prefeito de Resende (RJ), Noel de Oliveira, ajudou nos trabalhos de remoção e traslado dos corpos de Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro da Rodovia Presidente Dutra para o Cemitério Alto dos Passos, em Resende, que foi visitado por esta Comissão Municipal da Verdade. Oliveira testemunhou a colocação do cadáver de Ribeiro em caixão de primeira linha, guardado na capela do cemitério, enquanto o de JK ficou exposto, no chão, e só depois foi para um caixão, de segunda linha. De acordo com o relato de Noel a esta Comissão Municipal da Verdade, o tratamento dado a JK o deixou envergonhado e constrange os cidadãos resendenses até os dias de hoje.

58- No Auto de Exame Cadavérico de Geraldo Ribeiro, realizado em 23 de agosto de 1976, no Instituto Médico Legal Afrânio Peixoto, no Rio de Janeiro, os médicos legistas Ivan Nogueira Bastos e Hygino de Carvalho Hércules registraram que "o coração tem volume e formas normais", sendo que em outro trecho do mesmo documento os dois legistas definiram a causa da morte de Ribeiro como "contusão tóraco-abdominal com ruptura do coração, pulmões, aorta, fígado e baço; hemorragia interna consecutiva".

59- Em 23 de agosto de 1976, o chefe de tráfego da Viação Cometa, Agripino José Braga, negou que o ônibus nº 3.148, conduzido na véspera por Josias Nunes de Oliveira, tenha provocado o acidente que matou Juscelino Kubitschek e seu motorista, Geraldo Ribeiro. O motorista Oliveira foi autorizado a continuar prestando serviços à empresa, onde ficou empregado ainda por alguns anos.

60- Em 23 de agosto de 1976, o motorista Josias Nunes de Oliveira foi designado para conduzir ônibus da Viação Cometa da linha Rio de Janeiro-São Paulo, após o chefe de tráfego da empresa, Agripino José Braga, ter conversado com Oliveira, verificado a situação do ônibus 3.148 e não notado problemas com o veículo.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

61- No Laudo de Exame em Local de Acidente, assinado por Sérgio de Souza Leite no dia seguinte ao das mortes de Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro, o perito fluminense calculou em 117 km/h a velocidade crítica desenvolvida pelo ônibus sob o comando do motorista Josias Nunes de Oliveira. Leite estimou a velocidade real do coletivo em patamar pouco abaixo da marca dos 117 km/h, mas, em outro ponto do mesmo relatório, de forma contraditória, registrou que a velocidade "prevista para o ônibus" era de 117 km/h, na curva em que o Opala que conduzia JK teria sido abalroado.

62- Em parecer de 30 de junho de 1977, realizado por solicitação da Viação Cometa, o perito criminal Alfredo Ambrósio, especialista em investigação de acidentes de trânsito, criticou os laudos oficiais do Instituto Carlos Éboli, do Rio de Janeiro, sobre o "acidente" em que perderam as vidas Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro. De acordo com Ambrósio, houve erros em cálculos matemáticos usados para apontar a responsabilidade do motorista Josias Nunes de Oliveira no "acidente", além da conclusão dos peritos, eivada de erros técnicos primários, ter sido baseada em elementos subjetivos. Conforme o laudo de Ambrósio, as perícias oficiais "são bastante pobres na descrição do local, desprezando mesmo características importantes para a reconstituição de um acidente de trânsito, ainda mais se levando em conta a morte de duas pessoas". Para Ambrósio, os peritos oficiais "não apresentaram elementos de ordem material que permitissem esclarecer o que realmente ocorreu na pista São Paulo-Rio de Janeiro da Rodovia Presidente Dutra. Ao contrário, pecaram por uma série de omissões, algumas de aspecto grave e que os conduziram a uma conclusão errônea sobre o fato em questão".

63- Em seu laudo, o perito oficial Sérgio de Souza Leite apontou o envolvimento do ônibus da Viação Cometa no "acidente", registrando "arranhaduras múltiplas e bastante pronunciadas" no Opala de Geraldo Ribeiro, da mesma forma que a existência de "amalgamento no paralamas posterior esquerdo". Leite também afirmou que a "análise das tintas permutadas pelo atrito" comprovou "a ocorrência de colisão entre o auto de passeio e o auto-ônibus". Conforme o perito, o choque se



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

deveu à imprudência do condutor do coletivo, que desenvolveu velocidade superior ao limite, impedindo a frenagem do veículo.

64- O parecer do perito Alfredo Ambrósio, de 30 de junho de 1977, criticou o que chamou de "método olhometro" e acusou o laudo oficial, relatado por Sérgio de Souza Leite, de, "partindo de elementos não reais e sim apenas de simples suposições, hipóteses, presunções e admissões, sem qualquer suporte técnico, e, principalmente, desprezando elementos tão importantes como declividade, aclividade, grau da curva, porcentagens de superelevação ou compensação ou de descompensação de uma curva, é uma temeridade em se chegar a qualquer provável resultado e muito menos a uma conclusão sobre velocidade crítica numa curva".

65- O perito Sérgio de Souza Leite, que substituiu o perito Haroldo Ferraz na investigação oficial sobre a morte de Juscelino Kubitschek, acabou demitido do Instituto de Criminalística Carlos Éboli, do Rio de Janeiro, em 1995. Leite foi afastado após nove denúncias feitas pelo Ministério Público contra irregularidades em laudos assinados por ele.

66- O promotor de justiça de Resende (RJ), José Diniz Pinto Bravo, que acusou o motorista Josias Nunes de Oliveira de ter batido o ônibus da Viação Cometa no Opala em que estava Juscelino Kubitschek, provocando as mortes do ex-presidente e de seu motorista, Geraldo Ribeiro, informou a revista *Caros Amigos*, em 1997, que o médico Guilherme Ribeiro Romano acompanhou todo o processo em que se procurou caracterizar as mortes como consequência de um acidente automobilístico, ocasionado por excesso de velocidade e imperícia de Oliveira.

67- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony relatou ter estranhado a presença do médico Guilherme Ribeiro Romano no local do "acidente" em que morreram Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro. Cony afirmou que Romano, que tinha ligações com os generais Golbery do Couto e Silva e João Baptista Figueiredo, respectivamente ministro da Casa Civil e chefe do Serviço



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

Nacional de Informações (SNI) em 1976, se apresentou como amigo da família Kubitschek às autoridades presentes na cena da morte de JK na Rodovia Presidente Dutra, o que não era verdade, e, em razão disso, apropriou-se de pertences de JK que estavam no Opala, incluindo as 22 páginas finais do diário pessoal do ex-presidente.

68- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony relatou que o conteúdo das 22 páginas do diário pessoal de Juscelino Kubitschek, apropriadas pelo médico Guilherme Ribeiro Romano após o "acidente" na Rodovia Presidente Dutra, foi usado para chantagear Dona Sarah Kubitschek e fazer com que ela deixasse de exigir uma investigação profunda sobre a causa do "acidente". Nas 22 páginas havia o relato da crise conjugal com Dona Sarah e a revelação de trechos do diário tornaria público o romance mantido por JK com Lúcia Pedroso.

69- O que fazia o médico Guilherme Ribeiro Romano, ligado aos generais Golbery do Couto e Silva e João Baptista Figueiredo, no cenário do "acidente" em que morreram Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro? Romano se apropriou de pertences e da pasta de JK, com documentos, manuscritos e diário do ex-presidente. Sabe-se que Romano foi um dos primeiros a chegar ao local do acidente.

70- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony relatou que a família Kubitschek foi ameaçada por agentes da ditadura militar com a divulgação das 22 páginas do diário de JK apropriadas pelo médico Guilherme Romano Ribeiro, responsável por entregar cópias do conteúdo para o general Golbery do Couto e Silva, ministro da Casa Civil do general-presidente Ernesto Geisel. De acordo com Cony, Dona Sarah Kubitschek e a filha, Márcia Kubitschek, sabiam que JK havia sido assassinado por militares.

71- Guilherme Ribeiro Romano chantageou Dona Sarah Kubitschek, viúva de Juscelino? Obteve dela a concordância de não pedir



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

formalmente a investigação sobre a morte de JK em troca da não divulgação de trechos do diário pessoal do ex-presidente, no qual haveria referências amorosas a outra mulher?

72- Serafim Jardim, ex-secretário de Juscelino Kubitschek e autor da solicitação de reabertura do *Caso JK*, em 1996, só pediu a nova investigação sobre a morte do ex-presidente após a morte de Dona Sarah Kubitschek.

73- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, Serafim Jardim afirmou que, depois de pedir a reabertura do *Caso JK*, sofreu ameaças de 52 militares da reserva e civis, integrantes de organização conhecida como *Grupo Inconfidência*, que divulgou uma carta com ataques pessoais ao ex-secretário de Juscelino Kubitschek.

74- Os laudos periciais nºs 96 12351 e 96 12352, elaborados pela Seção Técnica de Perícias de Crimes contra a Vida, do Instituto de Criminalística de Minas Gerais, em 14 de agosto de 1996, apresentam 18 fotografias com imagens do local da exumação da ossada de Geraldo Ribeiro, no Cemitério da Saudade, em Belo Horizonte. Do total de imagens, apenas uma exibe parte do conteúdo dos restos mortais, na qual pode ser vista uma mandíbula de Ribeiro. Não faz parte do conjunto de fotografias a imagem do crânio do motorista de Juscelino Kubitschek.

75- Os dois laudos periciais, de levantamento de local de exumação, fazem parte do inquérito que reabriu o *Caso JK*, em 30 de maio de 1996. Não faz parte do inquérito, porém, o resultado da perícia de exumação, a peça mais importante da investigação. Os documentos não foram anexados ao processo.

76- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de agosto de 2013, o advogado Paulo Castelo Branco declarou que, na época da reabertura do *Caso JK*, em 1996, manteve contato telefônico com o promotor Francisco Gil Castelo Branco, com quem tinha relações de parentesco, ocasião em que ouviu do ex-diretor do Instituto Médico



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

Legal do Rio de Janeiro: "Meu filho, só o tempo vai mostrar a verdade disso".

77- Em 26 de julho de 1996, equipe do Instituto Carlos Éboli, do Rio de Janeiro, realizou em Resende (RJ) perícia nos supostos destroços do Opala em que morreram Juscelino Kubitschek e Geraldo Ribeiro. O responsável pela reabertura do caso, Serafim Jardim, ex-secretário de JK, não foi informado da perícia e, por isso, não convocou o perito Alberto Carlos de Minas para acompanhar os trabalhos.

78- Houve grave erro na perícia técnica que deveria ter sido realizada nos destroços do Opala de Geraldo Ribeiro em 1996, quando o Caso JK foi reaberto. Os peritos ficaram de apurar se houve sabotagem mecânica ou explosão no automóvel e concluíram pela ausência de sinais de ação criminosa. Mas os técnicos, estranhamente, examinaram os destroços de veículo com número do motor 7321818, conforme o laudo expedido, enquanto o número do motor do Opala de Ribeiro, de acordo com o título de propriedade, é 0J0403M. Para Serafim Jardim, ex-secretário de Juscelino Kubitschek, a análise foi propositadamente efetuada em outro carro, para impedir eventual resultado positivo.

79- O ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, que ocupou o cargo no governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), telefonou para o ex-deputado e primo de Juscelino Kubitschek, Carlos Murilo Felício dos Santos, por ocasião da reabertura das investigações sobre a morte do ex-presidente, em 1996. Falcão afirmou, conforme o relato de Carlos Murilo, que "JK morreu em acidente automobilístico, mas, se houve atentado, não partiu do governo, e sim dos militares da linha dura".

80- Exame de Corpo de Delito (laudo 12.311/96), realizado em 14 de agosto de 1996 na ossada de Geraldo Ribeiro e assinado pelos peritos do Instituto Médico Legal de Minas Gerais Márcio Alberto Cardoso, Geraldo Piannetti Filho, Jorge de Sousa Lima e Luciene Theodoro Costa Menrique, concluiu por "ausência de sinais de traumatismo ósseo por projétil de arma de fogo". Ao contrário do perito Alberto Carlos de Minas, que afirmou a esta Comissão Municipal da Verdade ter observado o crânio ainda



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

íntegro, com buraco redondo característico de perfuração por projétil de arma de fogo, mas foi impedido de fotografá-lo, o laudo oficial registra que o crânio de Ribeiro possui "áreas de deterioração por ação do tempo" e "fraturas ocorridas por ocasião do recolhimento, transporte e manuseio dos ossos, acometendo o parietal direito, frontal à direita do plano mediano e escama do temporal direito".

81- Em depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados que examinou o "Caso Juscelino Kubitschek", em 2000, o médico legista Márcio Alberto Cardoso, um dos responsáveis pela perícia técnica na ossada de Geraldo Ribeiro, realizada em 1996, relatou que o crânio do motorista de JK mostrava "integridade da sua convexidade", no momento da exumação, mas, depois, em razão do "transporte" dos restos mortais do Cemitério da Saudade para o Instituto Médico Legal, em Belo Horizonte, e também em consequência do "manuseio", surgiram "áreas de fraturas" no crânio de Geraldo Ribeiro. "Infelizmente o material, muito friável, fragmentou-se", afirmou Cardoso.

82- O mesmo Exame de Corpo de Delito, realizado em 14 de agosto de 1996, indicou a presença, na fossa posterior do crânio de Geraldo Ribeiro, de "pequeno fragmento metálico de forma cilindro-cônica, medindo sete milímetros de comprimento e diâmetro médio de dois milímetros, que recolhido, foi submetido a exame sob lupa estereoscópica, revelando-se como fragmento de prego enferrujado e corroído, posteriormente encaminhado ao Instituto de Criminalística". A definição de que se tratava de "prego enferrujado e corroído", portanto, foi feita antes de exame no Instituto de Criminalística.

83- Laudo nº 96 10446, do Instituto de Criminalística de Minas Gerais, de 27 de agosto de 1996, assinado pelos peritos criminais Marcos Francisco Passagli e Mario Lucio Ottoni Guedes, registrou a realização de exame químico no fragmento metálico encontrado dentro do crânio de Geraldo Ribeiro e, por método de química de via úmida, constatou se tratar de "liga de ferro (aço) o material examinado", sem quaisquer outras comparações ou considerações.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

84- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 13 de novembro de 2013, o perito criminal Alberto Carlos de Minas criticou a fragilidade do exame pericial feito pela Polícia Civil de Minas Gerais no fragmento metálico encontrado dentro do crânio de Geraldo Ribeiro. O perito criminal disse que o componente apontado como "liga de ferro (aço)" pode ter feito parte de projétil de arma de fogo. Alberto Carlos de Minas lamentou que novas perícias técnicas não foram realizadas no metal.

85- Em depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados que examinou o "Caso Juscelino Kubitschek", em 2000, o médico legista Márcio Alberto Cardoso, um dos responsáveis pela perícia técnica na ossada de Geraldo Ribeiro, realizada em 1996, relatou que, por não ter dúvidas de que era resto de um prego de caixão o fragmento metálico encontrado dentro do crânio de Ribeiro durante os trabalhos de exumação, material também classificado por ele como "cravo" usado para fixar tecidos na urna funerária, tomou a decisão de não encaminhar o metal para exame de balística no Instituto de Criminalística.

86- Em 30 de setembro de 1996, com o Caso JK prescrito, o Instituto Médico Legal de Minas Gerais divulgou resultados dos exames na ossada de Geraldo Ribeiro, mas não levou a conhecimento público a íntegra do laudo. O documento concluíra que Geraldo Ribeiro não havia sido baleado, mas informava ter sido detectado em seu crânio "pequeno fragmento metálico de forma cilindro-cônica, medindo sete milímetros de comprimento e diâmetro médio de dois milímetros", apontado, por autoridades policiais, como "resto de prego do caixão" onde fora enterrado o motorista Ribeiro.

87- O laudo da Polícia Civil de Minas Gerais sobre a exumação da ossada de Geraldo Ribeiro e a análise do fragmento metálico encontrado dentro do crânio do motorista de Juscelino Kubitschek não integra o conjunto de documentos que compõe os seis volumes do processo sobre as mortes de JK e de Ribeiro, encaminhados a esta Comissão Municipal da Verdade pela Diretoria Geral de Comunicação Institucional, do Tribunal



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

de Justiça do Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 2013. O laudo foi deixado fora do Caso JK.

88- Em 21 de agosto de 1996, na véspera do prazo final para a prescrição do Caso JK, o delegado de polícia de Resende (RJ), Robson Rodrigues da Silva, entregou o relatório final de sua investigação, sem o resultado da exumação da ossada de Geraldo Ribeiro. Silva concluiu não ter havido atentado político e apontou que Juscelino Kubitschek e Ribeiro perderam a vida em consequência de acidente de trânsito.

89- Laudo de 5 de setembro de 1996, com o resultado da perícia na ossada de Geraldo Ribeiro, atestou como negativa a pesquisa de chumbo no fragmento metálico encontrado no crânio do motorista de Juscelino Kubitschek, descartando a possibilidade de Ribeiro ter sido alvejado por projétil de arma de fogo não constituído por chumbo. O documento, cujo original não foi apresentado pela Polícia Civil de Minas Gerais, foi assinado por Sônia Vieira Machado Protá, chefe da Divisão de Laboratório do Instituto Médico Legal de Minas Gerais.

90- Só em 1997, um ano após a exumação da ossada de Geraldo Ribeiro, a filha dele, Maria de Lourdes Ribeiro, recebeu a informação de que havia sido encontrado um fragmento metálico dentro do crânio do pai.

91- A filha de Juscelino Kubitschek, Márcia Kubitschek, também só foi informada sobre o fragmento metálico achado dentro do crânio de Geraldo Ribeiro em 1997, um ano após a perícia.

92- Em 23 de setembro de 2013, o presidente da Comissão Municipal da Verdade, vereador Gilberto Natalini, reuniu-se em Belo Horizonte com o secretário de Defesa Social de Minas Gerais, Rômulo de Carvalho Ferraz, para reiterar solicitação feita ao governador do Estado, Antonio Anastasia, de uma nova perícia no fragmento metálico encontrado dentro do crânio de Geraldo Ribeiro, durante a exumação realizada em 1996. Da reunião participaram também Serafim Jardim, ex-secretário de Juscelino Kubitschek, o advogado Paulo Castelo Branco e, convidado por Ferraz,



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

Márcio Alberto Cardoso, médico legista que participou dos trabalhos de perícia no fragmento em 1996.

93- Durante a reunião de 23 de setembro de 2013, em Belo Horizonte, o médico legista Márcio Alberto Cardoso afirmou aos presentes que, em consequência da perícia realizada em 1996, as dimensões do fragmento metálico ficaram muito reduzidas.

94- Em resposta à solicitação desta Comissão Municipal da Verdade, que requereu em 3 de setembro de 2013 novos exames periciais no fragmento metálico encontrado no crânio de Geraldo Ribeiro, o Governo de Minas Gerais informou, em ofício de 23 de outubro de 2013, assinado pelo secretário estadual de Defesa Social, Rômulo de Carvalho Ferraz, que "não foi localizado o laudo original e materiais solicitados (fragmento metálico)". Conforme as autoridades de Minas Gerais, portanto, estavam desaparecidos das dependências da Polícia Civil tanto o laudo oficial com o resultado da exumação da ossada de Ribeiro, assinado pelos peritos Márcio Alberto Cardoso, Geraldo Pianetti Filho, Jorge de Sousa Lima e Luciene Theodoro Costa Menrique, quanto a análise original do fragmento metálico, de 1996, que descartava a possibilidade de o material constituir parte de projétil de arma de fogo. A documentação, supostamente extraviada, contém imagens do fragmento metálico dentro do crânio do motorista de JK.

95- Os quatro volumes (cinco arquivos digitais) fornecidos a esta Comissão Municipal da Verdade pela Direção Geral de Comunicação Institucional, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, não trazem o resultado da perícia técnica na ossada de Geraldo Ribeiro. Tampouco faz parte do processo sobre a morte de Juscelino Kubitschek o resultado da perícia técnica no fragmento metálico encontrado dentro do crânio de Ribeiro, quando da exumação dos restos mortais do motorista de JK, em 1996. Os documentos, que também desapareceram dos arquivos da Polícia Civil de Minas Gerais, não foram anexados ao processo.

96- Em 12 de setembro de 2012, a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil de Minas Gerais (OAB-MG), presidida por



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

William dos Santos, e a Comissão da Verdade e do Memorial da Anistia Política da OAB-MG, presidida por Márcio Augusto Santiago, apresentaram relatório que acusa o regime ditatorial instalado no Brasil em 1964 de ter cometido o atentado que tirou as vidas de Juscelino Kubitschek e de seu motorista, Geraldo Ribeiro.

97- Carta de 28 de agosto de 1975, atribuída ao coronel chileno Manuel Contreras Sepulveda, diretor da Dina, o serviço secreto da ditadura do Chile, e endereçada ao chefe do SNI (Serviço Nacional de Informações), general João Baptista Figueiredo, alertou para o apoio de políticos democratas dos Estados Unidos a Juscelino Kubitschek e Orlando Letelier, ex-ministro das Relações Exteriores do Chile, o que "poderia influenciar seriamente a estabilidade do Cone Sul do nosso hemisfério". Em 21 de setembro de 1976, menos de um mês após a morte de JK no "acidente" da Rodovia Presidente Dutra, Letelier foi assassinado em Washington, nos Estados Unidos, quando uma bomba explodiu no automóvel que o conduzia. Já como general, Manoel Contreras Sepulveda foi condenado e preso pelo assassinato de Letelier.

98- Na carta enviada ao general João Baptista Figueiredo, o coronel Manuel Contreras Sepulveda agradeceu correspondência anterior, do colega brasileiro, na qual Figueiredo, segundo Sepulveda, alertou para a possível vitória do Partido Democrata nos Estados Unidos. Trecho da carta do chileno ao chefe do SNI no Brasil: "O plano proposto por você para coordenar nossa ação contra certas autoridades eclesiásticas e conhecidos políticos social democratas e democratas cristãos da América Latina e Europa, conta com nosso decidido apoio".

99- O jornalista Jack Anderson, dos Estados Unidos, recebeu a carta de Sepulveda a Figueiredo de um alto funcionário do serviço de informações norte-americano. A missiva foi investigada e considerada autêntica. Em 2 de agosto de 1979, Jack Anderson denunciou no jornal *The Washington Post* a chamada *Operação Condor*, uma articulação de regimes militares na América do Sul para eliminar políticos de oposição, com o apoio da CIA (Agência Central de Inteligência), dos Estados Unidos.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Comissão da Verdade Vladimir Herzog

100- Em reportagem publicada na revista *Caros Amigos*, em agosto de 1997, o empresário Jorge Gazalli, amigo do general João Baptista Figueiredo, informou que Figueiredo não falaria sobre a morte de JK. Nas palavras de Gazalli: "O Figueiredo sabe de muita coisa. Se ele falar, muita casa vai cair. Nem o livro de memórias, que eu insisto para ele fazer, vai sair. Nem mesmo para ser publicado depois da morte dele".

101- Em depoimento a esta Comissão Municipal da Verdade, em 5 de fevereiro de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony relatou que o ex-governador Miguel Arraes, que estava exilado na Argélia e integrava uma rede internacional de informações com o objetivo de garantir a integridade e a vida de políticos exilados e perseguidos por ditaduras militares, alertou para os riscos à segurança de Juscelino Kubitschek e, após a morte do ex-presidente da República, afirmou, taxativamente, que JK fora assassinado.

102- Em período de 272 dias, perderam as vidas, em condições suspeitas, três das maiores lideranças de oposição ao regime militar no Brasil, a saber: os ex-presidentes da República Juscelino Kubitschek (morto em 22 de agosto de 1976) e João Goulart (morto em 6 de dezembro de 1976), e o ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda (morto em 21 de maio de 1977).



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**
Comissão da Verdade Vladimir Herzog

103- Em 1974, Juscelino Kubitschek recuperara os direitos políticos. Em 1976, trabalhava discretamente a sua candidatura à Presidência da República, na eleição, a princípio indireta, de 1978. Morto JK, a ditadura elegeu como presidente da República o quinto general do ciclo militar, o chefe do SNI (Serviço Nacional de Informações) João Baptista Figueiredo, o mesmo Figueiredo que foi aluno do brigadeiro Newton Junqueira Villa-Forte.

São Paulo, 19 de fevereiro de 2014



Gilberto Natalini (PV)

Presidente da Comissão Municipal da Verdade Vladimir Herzog



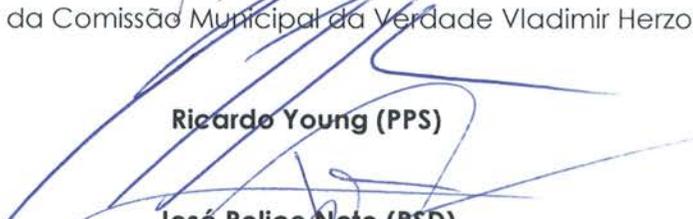
Juliana Cardoso (PT)

Vice-Presidente da Comissão Municipal da Verdade Vladimir Herzog



Mario Covas Neto (PSDB)

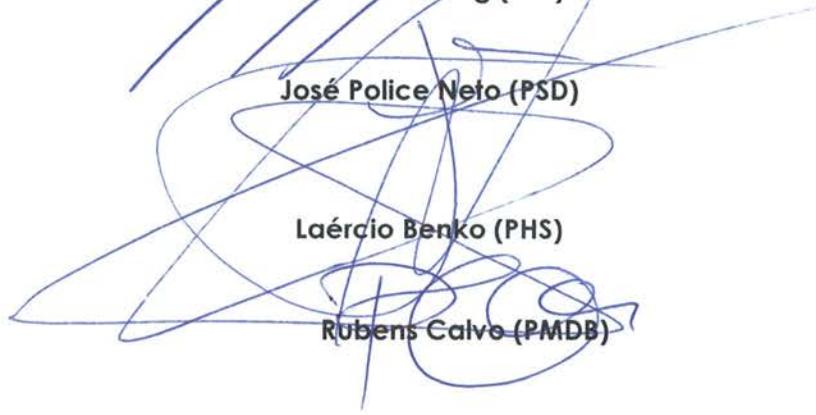
Relator da Comissão Municipal da Verdade Vladimir Herzog



Ricardo Young (PPS)

José Police Neto (PSD)

Laércio Benko (PHS)



Rubens Calvo (PMDB)